

# A Manobra de Piquiciri

## Parte 1

GENERAL SERGIO R. D. MORGADO

.....



O Professor Francisco Doratioto, em sua obra *Maldita Guerra*<sup>1</sup>, relata e analisa as críticas existentes na correspondência entre o Marquês de Caxias e o Ministro da Guerra, o Barão de Muritiba, sobre o desempenho das tropas sob seu comando, na manobra do Piquiciri.<sup>2</sup> Nesses documentos, ofícios confidenciais e reservados existentes no Arquivo Nacional, Caxias trata da baixa combatividade de suas tropas durante essa importante operação, que muitos historiadores apreciam pela sua genialidade e complexidade, dando ao Patrono do Exército Brasileiro um local destacado entre os arquitetos da arte militar.

O objetivo desse ensaio é o de refletir sobre essa queixa a partir do estudo da manobra, desde a decisão de retomar o movimento, estabelecida em seu quartel-general em Pare Cué, junto a Humaitá, no dia 13 de agosto de 1868, até a rendição da guarnição do Fortim de Angostura, último reduto ocupado pelas tropas de Solano López na calha do Rio Paraguai, ocorrida em 30 dezembro do mesmo ano, 110 dias depois.

Começemos ambientando-nos em agosto daquele ano. A rendição dos defensores remanes-

centes da fortaleza de Humaitá, ocorrida em 5 de agosto, no Chaco, encerrava uma fase de dois anos e quase quatro meses de guerra de trincheiras, com um elevado número de perdas (aliados, 10 mil, e paraguaios, 20mil) e levou Caxias a propor<sup>3</sup> ao Barão de Muritiba o seu término, por julgar que a ofensa de López aos aliados estava quitada, mas afirmando estar pronto para continuar a luta. Lembra-nos Doratioto<sup>4</sup> que Caxias já havia colocado seu cargo de comandante-em-chefe

<sup>1</sup> Doratioto, Francisco, – *Maldita Guerra*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

<sup>2</sup> Ibid, pp. 366 a 370.

<sup>3</sup> Ibid, p. 337.

<sup>4</sup> Ibid, p. 334.

à disposição do Império antes da ultrapassagem de Humaitá pela esquadra, em face das críticas feitas por liberais progressistas à morosidade na conquista daquele objetivo, fato que determinou a queda, no governo, do gabinete liberal e sua substituição, em 16 de julho, pelos conservadores do Marquês de Itaboraí.

López, que abandonara Humaitá em 3 de março, estabeleceu uma nova posição defensiva no corte do Rio Tebicuari, onde pretendia resistir e a qual mandara preparar pelo Tenente-Coronel George Thompson, um engenheiro inglês a serviço dos paraguaios. Os meios foram levados daquela posição, desde então, ao longo do Chaco, por uma picada que começava no Timbó e ia até Monte Lindo, pontos fortificados por Thompson, situados na margem direita do Rio Paraguai, o primeiro um pouco ao norte da cidadela e o segundo em frente à foz do Tebicuari. Seu quartel-general foi instalado em uma estância ali existente, chamada San Fernando, distante cerca de um quilômetro do corte desse rio.

### A Marcha para o Combate

Se a determinação recebida do Imperador era continuar a guerra e capturar Solano López, San Fernando foi o objetivo inicial definido por Caxias no prosseguimento das operações. O General Argolo e o 2º Corpo de Exército ficariam em Humaitá organizando a nova base aliada, mais bem situada que Passo da Pátria em relação ao apoio a ser prestado ao movimento das forças da Aliança.

No dia 15 de agosto, o Marquês foi informado pelo General Gelly y Obes, comandante das tropas argentinas, que recebera ordens de Buenos

Aires para não prosseguir para o norte, em virtude da eclosão de novas revoltas na região de Corrientes. Ele não fazia bom conceito de Obes, a quem considerava um militar de conduta inadequada ao posto e função que exercia, pois tinha uma baraca de comércio no seu acampamento e obrigava seus soldados a nela comprar, descontando os gastos de seus soldos.<sup>5</sup> Tinha, ainda, exposto a Muritiba, em carta escrita no dia anterior, sua crença de que Mitre – o presidente argentino – queria continuar a guerra para prosseguir lucrando com a venda de suprimentos para o Império.<sup>6</sup>

No dia 19 de agosto, romperam a marcha, depois de dois dias de intenso aguaceiro. Durante 36 dias percorreram cerca de duzentos quilômetros em terreno inóspito, alagado e agravado pelas constantes chuvas que caíram durante o movimento. Compulsando o Diário de Campanha de Caxias publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,<sup>7</sup> anotamos que foram registrados oito dias de chuva influenciando nas operações.

A coluna de marcha tinha na vanguarda o 3º Corpo de Exército de Osório, que atribuiu ao General Andrade Neves a missão de reconhecer o inimigo com a 2ª Divisão de Cavalaria, a qual, reforçada pela 5ª Brigada de Infantaria do Coronel Fernando Machado, lançava a 3ª Brigada de Cavalaria ao comando do Coronel Niederauer na testa do dispositivo. São nomes que fizeram história pelo brilhante desempenho no exercício de suas atribuições e protagonizaram os embates realizados com os elementos de retaguarda do exército paraguaio em retirada para o corte do Rio Piquiciri.

Esses contatos aconteceram, inicialmente, no Rio Tebicuari, em 26 e 28 de agosto, que levou 14 dias para ser transposto por todo o efetivo em marcha, necessitando do apoio dos monitores da esquadra para ações de reconhecimento, fogo e

<sup>5</sup> Doratioto, *ibid*, p. 358.

<sup>6</sup> *Ibid*, p. 351.

<sup>7</sup> Revista do IHGB, Tomo 91, vol. 145, 1922.



transporte de meios (material de pontes). López havia abandonado a posição dois dias antes, ali deixando um pequeno efetivo para retardar a marcha aliada que o perseguia. Essas ações de contato sucederam-se nos dias 20 e 22 de setembro, de maneira mais singela, na passagem dos Arroios Parai e Tuiuti, nas proximidades do porto de Mercedes e com maior intensidade no Rio Surubi-í, próximo da cidade de Palmas, e nas cercanias da posição do Piquiciri, no dia 23 de setembro, pela posse da ponte, única sobre o Caminho Real de Assunção, que ali facilitava o movimento.

A ação da esquadra durante a marcha foi muito importante, porque permitia o suprimento da

tropa em região inóspita e desprovida de meios, além de participar das operações da vanguarda, onde atuava pelo fogo de seus canhões contra as posições de retardamento estabelecidas pelo inimigo e no reconhecimento e inquietação das novas posições do Piquiciri, em particular contra o fortim que estava sendo construído em Angostura, que López imaginava transformar numa nova Humaitá.

A constante presença de Caxias em todos os compartimentos do combate e a visão diária daquele general de 65 anos, montado em seu cavalo, debaixo de chuva, estimulavam a tropa a superar as enormes dificuldades defrontadas. Seja na vanguarda, participando e intervindo na condução das ações quando necessário; seja junto ao 1º Corpo de Exército, que se deslocava em segundo escalão e onde normalmente estabelecia seu quartel-general; seja na retaguarda, onde presenciava a passagem de cada obstáculo, como a conferir que todos os seus meios estavam integrados ao todo; seja, ainda, a bordo dos navios da esquadra, onde conferenciava com o Visconde de Inhaúma, seu comandante, ou com o Barão da Passagem, que à testa da Divisão Avançada de Encouraçados, cumpria as missões de reconhecimento e apoio às ações terrestres – tudo isso fazia parte de sua ação de comando.

Em meio à marcha, no dia 13, quando se encontrava nas proximidades de Vila Franca, recebeu a apresentação do General Obes, que lhe informou estar com sua infantaria embarcada nos transportes da esquadra, atracados naquele porto e que as suas cavalaria e artilharia, se deslocando por terra, deveriam estar na região do Tebicuari. Obes havia comunicado a Caxias, em 6 de setembro, que seu governo decidira continuar participando das operações contra López e solicitava ordens nesse sentido, recebendo como resposta a determinação que o fizesse onde isso fosse possível.

O Marquês mandou que desembarcasse ali a sua tropa e mantivesse a cavalaria e a artilharia no Tebicuari. Deu-lhe a missão de proteger a retaguarda do deslocamento e pastorear o gado, que era abundante na área.

Tendo chegado à região de Palmas em 24 de setembro, o exército imperial acantonou a partir do Rio Surubi-í e iniciou os procedimentos para reconhecer o corte do Piquiciri. Caxias estabeleceu seu quartel-general na Estância Idoriaga, nas margens desse rio, e determinou que fossem tomadas medidas de proteção ao porto de Palmas, definido como a nova base de operações aliada. Organizou e mandou realizar um grande reconhecimento em força, a partir de 1º de outubro, para testar e descobrir o dispositivo do inimigo, empregando, para isso, os dois corpos de exército de que então dispunha. Determinou a Osório que lançasse uma descoberta para leste com a finalidade de constatar a possibilidade de investir a posição por aquele flanco. O resultado dessa operação de reconhecimento mostrou a impossibilidade de um ataque frontal à posição, bem como de flanqueá-la por leste, em face das características do terreno, alagado, com esteros largos e profundos em sua maior parte e com a posição inimiga estabelecida nas alturas das colinas das Lomas Valentinas, com cerca de setenta canhões abarbatados, ou seja, colocados em plataformas de terra, elevadas, permitindo que atirassem por cima dos parapeitos das trincheiras.

Choveu copiosamente durante uma semana e, decisão tomada, Caxias lançou o Coronel Tibúrcio no comando de uma brigada de infantaria, reforçada por um destacamento de pontoneiros e elementos de cavalaria, para iniciar os trabalhos de construção de uma via de acesso pelo Chaco, que conduzisse suas tropas à retaguarda da posição defensiva paraguaia, que era muito

semelhante à de Curupaiti. Mandou, então, avançar o 2º Corpo de Exército, que havia ficado em Humaitá ao comando do General Argolo, para executar essa missão.

Argolo chegou com sua tropa em Palmas, trazido pelos transportes da esquadra, no dia 15 de setembro, e deu início à sua tarefa. Levou 26 dias para concluí-la com êxito e debaixo de chuva. O Rio Paraguai começou a subir e obrigou ao estabelecimento de um permanente cuidado dos pontoneiros para manter em condições os trechos mais sujeitos aos efeitos da inundação, particularmente as pontes de estiva. As condições de insalubridade influíam nos trabalhos, na saúde e no ânimo da tropa. Tibúrcio teve de ser evacuado para a Corte, doente, e Argolo, que também adoeceu, foi tratado ali mesmo. O General Andrade Neves, que atuava no compartimento de Palmas, chegou a recorrer a Osório, de quem era compadre, para solicitar a Caxias sua baixa por doença e repatriamento para o Rio Grande do Sul. Os meses de outubro e novembro foram utilizados na preparação do envolvimento da posição do Piquiciri, seja para a construção da estrada pelo Chaco, seja para um permanente processo de inquietação dos paraguaios com de ações de reconhecimento sobre a posição ou de uma constante ação dos navios da esquadra sobre as baterias de Angostura. Esse fortim tinha sido construído por Thompson, para impedir o acesso dos navios para o norte, com a finalidade de evitar um flanqueamento da posição, e contava com 16 canhões.

Caxias, nesse período, realizou cerca de dez reconhecimentos no Chaco, para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, ao lado de Argolo, ou embarcado nos navios da esquadra, que estavam surtos a montante de Angostura, acompanhado pelo Visconde de Inhaúma, que





comandava a esquadra, ou pelo Barão da Passagem, que comandava a Divisão de Encouraçados, concentrada na região de Villeta.

A passagem dos meios para o Chaco foi feita gradativamente, a partir do final de outubro, sendo que as divisões de cavalaria só passaram no final de novembro, pois cumpriam as missões de reconhecimento e inquietação na frente da posição paraguaia. Caxias transferiu seu QG para aquela área em 27 de novembro e o instalou nas proximidades da foz do Arroio Villeta, junto ao Rio Paraguai.

A cheia do rio apressou a definição do início da ação. Foi escolhida a madrugada do dia 5 de

dezembro e a tropa foi embarcada nos encouraçados e nos monitores, com a travessia sendo iniciada às 2h, com o 2º Corpo de Exército de Argolo, justamente aquele que construiu a estrada, colocado em primeiro escalão. O grosso da cavalaria recebeu ordem de permanecer no Chaco, sendo designada apenas uma fração composta por três de seus regimentos para acompanhar a infantaria dos três corpos que foram empenhados nessa primeira fase da operação.

Caxias recomendou a Argolo que tão logo desembarcasse se apossasse da ponte sobre o Arroio Itororó, distante cerca de 15km do ponto de desembarque, denominado de Santo Antônio, o que não foi realizado. O Coronel Niederauer, comandante desses meios de cavalaria, recebeu ordem de reconhecer a ponte, o que fez por volta do meio-dia, mas não se apossou da ponte por não possuir infantaria e, segundo seu depoimento, não ter recebido ordem para assim proceder.

Do lado paraguaio, ao ser informado do desembarque aliado à sua retaguarda, López determinou ao General Bernardino Caballero que se apossasse da ponte, o que foi feito às 22h do mesmo dia 5, à frente de 3 mil infantas, 2 mil cavaleiranos e 12 canhões.

Em face desses acontecimentos, Caxias determinou que a retomada do movimento em direção à posição paraguaia se iniciasse na manhã do dia seguinte e definiu sua ordem de marcha com o 2º Corpo à testa do dispositivo, seguindo o 1º Corpo no centro e o 3º Corpo marchando na retaguarda. Dispunha o Marquês de pontoneiros para facilitar seu movimento e apenas do 2º Corpo de Artilharia a Cavalos, uma vez que o grosso desses meios permaneceu em Palmas, ao comando de Mallet.

.....  
GENERAL DE BRIGADA SERGIO R. D. MORGADO, oriundo da Arma de Cavalaria.  
Natural da cidade do Rio de Janeiro.  
Atualmente é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.